

## Fragmentos e ruínas de um passado libanês: uma análise de *A Imensidão íntima dos carneiros* à luz do conceito de história de Benjamin

Fragments and ruins of a Lebanese past: An analysis of *A imensidão íntima dos carneiros* in the light of Benjamin's concept of History

Gabriela Maria Hollanda Ferreira de Farias<sup>I</sup> , Márcia Maria Valle Arbex<sup>II</sup> 

<sup>I</sup> Universidade Federal de Alagoas<sup>ROR</sup>, Maceió, AL, Brasil

<sup>II</sup> Universidade Federal de Minas Gerais<sup>ROR</sup>, Belo Horizonte, MG, Brasil

### RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar *A imensidão íntima dos carneiros* (2019), romance autofictício do escritor Marcelo Maluf, que narra a história de Marcelo e Assaad frente aos segredos de família que motivaram a emigração de Assaad do Líbano ao Brasil. Para isso, leva-se em consideração as teses *Sobre o conceito de História* de Walter Benjamin, enfatizando principalmente a noção de “escovar a história a contrapelo”. Sustenta-se que, dentro da estruturação fragmentada da narrativa, composta de relatos de memória de família, o personagem Marcelo quebra o *continuum* do espaço tempo para encontrar seu avô Assaad já falecido, atuando como uma espécie de “historiador materialista”.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Marcelo Maluf; Imigração sírio-libanesa; Conceito de História; Walter Benjamin

### ABSTRACT

This article aims to analyze *A imensidão íntima dos Carneiros* (2019) [The intimate immensity of the Sheeps], an autofiction novel written by Marcelo Maluf that narrates the story of Marcelo and Assaad facing the family secrets that motivated Assaad's emigration from Lebanon to Brazil. Therefore, the theses “on the concept of History” by Walter Benjamin are taken into account, mainly emphasizing the notion of “brushing history against the grain”. It is argued that, within the fragmented structure of the narrative, composed of family memory reports, the character Marcelo breaks the space-time continuum to find his deceased grandfather Assaad, acting as a kind of “materialist historian”.

**Keywords:** Brazilian literature; Marcelo Maluf; Syrian-libanese immigration; Concept of History; Walter Benjamin

## 1 UM CONVITE À IMENSIDÃO

Ao lermos o romance *A imensidão íntima dos carneiros* (2019), de Marcelo Maluf, é possível que estabeleçamos conexões com as teses *Sobre o conceito de história* (1940) de Walter Benjamin. As dezoito teses e seus dois apêndices possuem características semelhantes a grande parte da obra de Benjamin, uma publicação póstuma, fragmentada e inacabada, mas que não deixa de ter importância bastante significativa em diversos âmbitos: “sempre atual, ocupa um lugar singular, realmente único, no panorama intelectual e político do século XX.” (LÖWY, 2005, p. 13).

Essas teses, consteladas por imagens e alegorias de difícil interpretação, suscitam valiosas discussões em torno dos conceitos de “história”, sobretudo no que diz respeito ao distanciamento de uma história conservadora, o dito Historicismo, em que o historicista empatiza inegavelmente com o vencedor; e a consequente aproximação de um “materialismo histórico”, em que o historiador deve ter como tarefa “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, p. 225), isto é, empatizar com os vencidos. Michel Löwy (2005, p. 74) discorre sobre as duas interpretações possíveis desse imperativo: a primeira, de ordem política, segundo a qual se reivindica a luta contra a “corrente”, sem a qual não seria possível uma revolução, uma mudança do curso já estabelecido; a segunda, de ordem histórica, de acordo com a qual a versão “oficial” da história seria anteposta uma “tradição dos vencidos”.

É de acordo com esse segundo sentido que serão estabelecidas as conexões com o romance de Marcelo Maluf, escritor brasileiro descendente de sírio-libaneses. O avô do autor, Assaad, migrou ao Brasil no início do século XX, quando ainda criança, em decorrência da dominação turco-otomana e dos conflitos sociorreligiosos que sua família enfrentava em Zahle, região montanhosa do Líbano. *A imensidão íntima dos*

*carneiros*, romance autofictício, narra a história dos personagens Marcelo e Assaad, neto e avô, frente às memórias, aos segredos e às tragédias familiares. Há, dentre essas recordações, uma que serve como fio condutor narrativo: o assassinato, por soldados turcos, dos irmãos de Assaad, Rafiq e Adib. Assim, essa narrativa coloca uma possibilidade de “escovar a história a contrapelo” e abre a escuta aos vencidos da dominação turco-otomana e do posterior imperialismo francês. Além disso, no personagem Marcelo reconhece-se uma espécie de historiador que, ao evocar e escutar seu avô já falecido, faz explodir “a continuidade homogênea de um tempo vazio, a linearidade do processo”, além de “trabalhar com os fragmentos, com as ruínas do passado” (MURICY, 1998, p. 214). Não à toa essa narrativa é composta por fragmentos de vozes alternadas que se deslocam no espaço-tempo.

Dividido em quatro partes — O vento, A montanha, O fogo e O oceano —, o livro é composto por 81 páginas de narrativa fragmentada em que se alternam as vozes de Marcelo e Assaad. Coexistem o Marcelo que evoca o avô no tempo presente da narrativa; o Marcelo que acompanha o seu avô enquanto espectro no ano de 1966; o Assaad de 1966, adulto já estabelecido em Santa Bárbara D’Oeste, no Brasil, e o Assaad de nove anos que vive nas montanhas de Zahle, no Líbano. Essas alternâncias são mediadas principalmente por dois objetos: uma janela e um caderno. Através da janela, o espectro de Marcelo consegue ver seu avô escrevendo no caderno de memórias e, dessa forma, consegue visualizar Zahle através dos olhos rememorativos do avô.

Desse modo, em *A imensidão íntima dos carneiros*, os fragmentos de memórias, histórias e segredos de um Líbano dividido revelam as dores da família Maluf, que teve seu caminho marcado pelo medo: “O medo dominou gerações e bebeu em pequenas doses a coragem de muitos homens e mulheres de nossa família” (MALUF, 2019, p. 9). Medo da guerra, medo da morte e medo dos fantasmas que são carregados ao longo dos anos como uma herança genética.

O autor Marcelo Maluf herdou muitos desses fantasmas e escolheu a literatura como uma forma de confrontá-los. Nascido em Santa Bárbara D'Oeste, no estado de São Paulo, em 1974, escreveu livros infantis e infanto-juvenis como *Jorge do pântano que fica logo ali*, em 2008, *As mil e uma histórias de Manuela*, em 2013, e, em parceria com Daniela Pinotti, *Meu pai sabe voar*, em 2009. Ele é também autor do livro de contos *Esquece tudo agora*, de 2012, e de *A imensidão íntima dos carneiros*, romance publicado pela primeira vez em 2015, fruto de uma Bolsa de Escrita Criativa concedida pelo Estado de São Paulo (ProAc). Bem acolhido pela crítica, o romance ganhou o prêmio São Paulo de Literatura, em 2016, na categoria "estreado com mais de 40 anos" e foi finalista dos prêmios Jabuti, no mesmo ano, e APCA, em 2015.

*A imensidão íntima dos carneiros* possui, além dos elementos autobiográficos, aspectos fantásticos, sendo perfeitamente plausível que um carneiro fale, que um gênio se materialize ou que Marcelo possa viajar no espaço-tempo, o que nos permite aproximá-lo da "autoficção fantástica" (COLONNA, 2014). Seus aspectos autobiográficos têm como cerne a figura de Assaad Maluf, o avô libanês de Marcelo Maluf, o qual, de fato, guardava os segredos do assassinato dos irmãos quando migrou ao Brasil. A narrativa é, portanto, composta por um mosaico de recordações das duas vozes narrativas principais — Marcelo e Assaad — que se utiliza das lacunas da memória para a ficcionalização, combinando autobiografia com autofabulação, como defende Teixeira (2021). Combinação esta que resulta numa autoficção potente:

[...] *A imensidão íntima dos carneiros* é um romance de autoficção, posto que se baseia em acontecimentos reais, mas é autônomo deles, dado que se trata de uma obra ficcional. Apesar de englobar elementos comuns com o universo real, o romance não fica contido neste e explora a criação literária de uma forma única, que une simbologia, religião, história e memória. (TEIXEIRA, 2021, p. 29).

Assim como Assaad, muitos foram os libaneses que imigraram ao nosso país, destino da maior diáspora libanesa do mundo, de modo que a comunidade libanesa

residente no Brasil é maior inclusive que a população total do Líbano: “São quase 10 milhões de libaneses e descendentes em território brasileiro, contra 3,5 milhões que vivem no Líbano” (BRASIL, 2010)<sup>1</sup>. As consequências desse fato podem ser observadas na paisagem urbana brasileira, em fachadas de lojas e mercearias, principalmente nos grandes centros, como São Paulo; na gastronomia, sobretudo nos salgados de rua, como esfihas e quibes; e na literatura nacional, como *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa, com a figura de Seo Assis Wababa, e *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) de Jorge Amado, com a figura de Nacib.

Além disso, narrativas brasileiras de bastante importância foram escritas por descendentes sírio-libaneses. Alguns dos nomes mais lembrados são Milton Hatoum, Raduan Nassar e Salim Miguel, os quais, cada qual ao seu modo, dão voz aos vencidos e emigrados. Hatoum, por exemplo, com *Relato de um certo oriente* (1989), narra a história de Emilie e de sua família, pós emigração do Líbano ao Brasil. Nassar, com *Lavoura Arcaica* (1975), enfatiza embates familiares com relação ao incesto envolvendo André e Ana, mas não deixa de ser um levante da voz dos emigrados libaneses. E Miguel, na autobiografia, *Nur na escuridão* (1999), narra a imigração da família, quando ele tinha apenas três anos de idade, ao Brasil, mais especificamente a Santa Catarina.

Comparativamente aos livros citados, o romance de Marcelo Maluf ainda não possui uma fortuna crítica vasta. Poucos são os trabalhos acadêmicos<sup>2</sup> que se dedicam à sua análise; no entanto, a importância desse livro contemporâneo vem sendo construída paulatinamente dentro da academia. Carreira e Oliveira (2018), por exemplo, em artigo intitulado “Escritas migrantes: deslocamento e identidade na narrativa brasileira contemporânea”, definem “as escritas migrantes” presentes em *A imensidão íntima dos carneiros* e em *O filho da mãe* (2009), de Bernardo Carvalho, como “linhas de

---

<sup>1</sup> Devido à ausência de Censo Demográfico em 2020, pode-se apenas estimar a atualização desses dados. De acordo com reportagem do G1 (COMUNIDADE, 2017), em 2017, havia 12 milhões de libaneses e descendentes residindo no Brasil e 4,5 milhões no Líbano. Além disso, de acordo com Dutra Junior (2014), não existe um censo oficial no Líbano desde 1932, de modo que essa estimativa populacional é não oficial.

<sup>2</sup> Ver CARREIRA; OLIVEIRA (2018); FERREIRA (2019) e TEIXEIRA (2021).

forças das mais importantes na narrativa contemporânea brasileira” (CARREIRA; OLIVEIRA, 2018, p. 48). É essa linha de força que se pretende seguir neste trabalho, enfatizando os momentos da narrativa em que é possível estabelecer conexões entre *A Imensidão Íntima dos Carneiros* e os conceitos de história de Benjamin.

## 2 TURCOS NÃO, LIBANESES: SOB A PERSPECTIVA DOS VENCIDOS

Em *A Imensidão Íntima dos Carneiros*, é possível identificar, a partir da pintura de São Charbel<sup>3</sup> pendurada na parede da sala de Assaad, que os Maluf eram maronitas. Além desse indício, o fato de ele e sua família serem habitantes da montanha, isto é, pastores de carneiros que habitam as montanhas de Zahle, também corrobora com essa conclusão: “Conflitos com outras comunidades cristãs [...] e a pressão dos muçumanos teriam, ao longo de vários séculos, forçado os maronitas a buscarem as montanhas libanesas como refúgio.” (DUTRA JUNIOR, 2014, p. 20-21).<sup>4</sup>

A utilização do termo “forçado” no trecho acima demonstra que a convivência de tantos grupos culturais e socioreligiosos distintos, em extensão territorial tão pequena, não era exatamente pacífica, apesar do convívio relativamente harmonioso devido à

---

<sup>3</sup> De acordo com a Eparquia Maronita do Brasil [entre 2012 e 2023], São Charbel nasceu no dia 8 de maio de 1828, numa aldeia montanhosa maronita chamada Beqa Kafra. Ele é considerado um símbolo de união entre Oriente e Ocidente. Libanês, o santo foi membro da Ordem Libanesa Maronita e filho da Igreja Maronita.

<sup>4</sup> A República do Líbano, pequeno país em extensão territorial, é banhada pelo Mar Mediterrâneo e faz fronteira com a Síria, ao norte e ao leste, e com Israel, ao sul. Sua população é majoritariamente árabe, composta por três grupos étnicos de maior expressão: libaneses nativos, refugiados palestinos e imigrantes sírios. Quanto à sua composição religiosa, existem 18 comunidades reconhecidas oficialmente desde 1920, em sua maioria cristãs ou muçumanas, apesar de haver também comunidades judaicas, em menor número. Dentre os cristãos, destacam-se os maronitas, os melquitas, os greco-católicos e os greco-ortodoxos; e dentre os muçumanos, destacam-se os sunitas, xiitas e drusos (DUTRA JUNIOR, 2014, p. 19).

possibilidade de diferenças de cultos. Sob domínio turco-otomano até a intervenção imperialista ocidental, sobretudo francesa e inglesa, as comunidades religiosas minoritárias, isto é, cristãos e judeus, deveriam pagar uma espécie de multa, *jizya*, para professarem suas crenças. Esse pacto monetário garantia uma certa estabilidade sociorreligiosa (GATTAZ, 2012, p. 18), de modo que conflitos entre os grupos religiosos da região se intensificaram apenas entre 1840 e 1860, quando se estabeleceram as coalizações maronita-francesa e drusa-otomana-inglesa. É nesse período que ocorre a primeira grande imigração de maronitas para alguns países das Américas, sobretudo Brasil e Estados Unidos, na tentativa de fugir dos conflitos bélicos, chamados de “conflitos comunais”, os quais resultaram na morte de quase 12 mil maronitas (GATTAZ, 2012, p. 19). O personagem Assaad, porém, imigrou ao Brasil apenas no final da primeira onda imigratória sírio-libanesa, em 1920, quando a dominação política passava das mãos dos otomanos às mãos dos franceses.

No caso do território libanês, as disputas históricas, seja sob dominação turco-otomana, seja sob dominação do imperialismo francês em aliança com os maronitas, a população civil estava constantemente sofrendo com as investidas bélicas, como se pode observar, em maior ou menor grau, em *A imensidão íntima dos carneiros*. Marcelo Maluf mostra tanto a opressão dos soldados turcos sobre os aldeões cristãos, isto é, o assassinato de Adib e Rafiq, quanto a discriminação de muçulmanos por parte dos cristãos, quando maldizem Maomé e todos os seus seguidores: “Nossa casa estava povoada, quase todas as famílias dos aldeões estavam ali. Exaltados, alguns gritavam: 'Morte aos turcos!'. Outros diziam que o problema era o profeta Maomé” (MALUF, 2019, p. 52).

Nessa encruzilhada, o personagem Assaad é de importância fundamental, pois atua como um mediador, tanto ao tratar verbalmente da questão com seus familiares, quanto ao viver na fronteira entre os dois universos religiosos: de um lado

adorando Cristo, lendo a Bíblia e cultuando ícones, como a imagem de São Charbel; e de outro, praticando a dança dervixe, lendo o Alcorão e orando, em árabe, a Maomé:

Eu me lembrei de Abdul-Bassit, que havia dito que vivia em paz e em oração, em nome do profeta. Assim como ele, o pai também orava. Abdul-Bassit jamais mataria os meus irmãos. Não, ele não seria capaz. Abdul-Bassit havia me salvado de congelar na neve. Abdul-Bassit havia me contado histórias. “A culpa não é do profeta!”, eu gritei. (MALUF, 2019, p. 52).

Assim, é possível observar na narrativa de Marcelo Maluf, ao invés de as vitórias imperialistas — seja turco-otomanas, seja francesas —, a destruição de famílias e a emigração forçada pelas consequências da guerra. Ou seja, é possível enxergar a história a contrapelo, ouvindo o clamor dos vencidos, dos marginalizados, dos excluídos, dos emigrados, tal como sugere Walter Benjamin: “Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo” (1994, p. 225). A esse respeito Löwy discorre, afirmando que:

Escovar a história cultural *gegen den Strich* significa, então, considerá-la do ponto de vista dos vencidos, dos excluídos, dos parias. Por exemplo, a rica cultura do Segundo Império francês deve ser analisada - como faz Benjamin em *Das Passagen-Werk* - levando em conta a derrota dos operários em junho de 1848 e a repressão ao movimento revolucionário (Blanqui!) que ela provocou durante várias décadas. Da mesma maneira, a brilhante cultura de Weimar deve ser comparada à situação dos desempregados, dos pobres e das vítimas da inflação [...] (LÖWY, 2005, p. 79).

Assim, “escovando a história a contrapelo” (*gegen den Strich*), ao invés das conquistas territoriais e disputas de poder, podemos ler em *A imensidão íntima dos carneiros* a história de uma criança que, aos nove anos de idade, é obrigada a fugir de seu país natal para evitar o mesmo destino de seus irmãos mais velhos ou até o destino de outros aldeões jovens, isto é, a morte ou o recrutamento militar compulsório. O último sendo uma medida que ocasionou, de acordo com Truzzi, uma “avalanche de

emigrações” em direção às Américas (2009, p. 31), como fica evidente no seguinte trecho do romance: “Os soldados fizeram com que ele [Simão Maluf] escolhesse entre a safra de cevada e trigo ou entregar os filhos para lutar pelo império. Meu pai concordou que os meus irmãos fossem com eles, era uma época difícil e minhas irmãs, a mãe e eu poderíamos passar fome.” (MALUF, 2019, p. 51). Ao invés dos tesouros e rotas conquistados pelo imperialismo, é possível enxergar um pai que perdeu dois filhos para a guerra e foi, anos depois, assassinado em decorrência dessas disputas: “ ‘Assaad! Assaad! Mataram o pai, Assaad!’, as palavras saem de uma só vez. [...] ‘Invadiram a casa do pai, meu irmão, roubaram o pouco do dinheiro que ele guardava no colchão, depois o mataram.’” (MALUF, 2019, p. 31).

Na família Maluf, podemos observar uma parcela de “vencidos da história”, os quais foram obrigados pelas circunstâncias bélicas a se separar de um filho, que ao emigrar teve que recomeçar em outro país, marcado pelo estigma de imigrante. Ao chegar no país tropical, Assaad não é mais, porém, o libanês de Zahle, ele é, ironicamente “o turco”, termo genérico que apaga sua identidade anterior, como a de tantos outros libaneses retratados na literatura brasileira. Em *Nur na escuridão* (1999), por exemplo, o libanês de Kfarssouroun, Yussef, torna-se “Zé gringo” ou ainda “Zé turco” em solo brasileiro. Gattaz (2007) argumenta que muitos dos sírios e libaneses se apropriaram do termo:

Em resposta a esta ideia que se formava na sociedade brasileira sobre os turcos, a colônia sírio-libanesa desenvolveu uma estratégia que envolvia não a anulação, mas a aceitação da identidade que lhe era atribuída pelos nacionais, agora transformada e recoberta com vernizes positivos. (GATTAZ, 2007, p. 49).

No entanto, ainda que com “vernizes positivos”, o fato é que o termo era utilizado indiscriminadamente para imigrantes sírios e libaneses, sobretudo de forma pejorativa: “Algumas vezes, a expressão também era usada em tons pejorativos, com o intuito de ferir e humilhar, fazendo que os imigrantes se sentissem ofendidos e envergonhados ao serem

confundidos com os turcos que os oprimiam a ponto de obrigá-los a abandonar o seu país.” (TRUZZI, 2009, p. 81).

É ao ouvir Assaad — não enquanto turco, sobretudo quando foram soldados turcos que assassinaram dois de seus irmãos, mas enquanto libanês, com suas devidas particularidades — e com ele empatizar que se pode compreender a "história a contrapelo". Sem esquecer, porém, que, como pontua Gattaz (2007), na história libanesa, não somente os cristãos maronitas estiveram na posição de vencidos. Houve inclusive vários momentos em que esse grupo religioso, como bem sabemos, esteve em posição de vencedor, como nos lembra o autor Marcelo Maluf em entrevista concedida ao LabLetras da UERJ:

Eu não queria escrever algo que parecesse um preconceito com o islã, com esse tipo de coisa, porque eu não tenho, mas eu sabia que naquele momento eram os turco-otomanos que estavam dominando a região e em sua maioria são muçulmanos e esses turco-otomanos muçulmanos foram os que, enfim, mataram e fizeram muitas coisas no meio de uma guerra, agora isso não é algo que seja deles, quer dizer, quantas mortes debaixo da cruz não tem né, quantos assassinatos debaixo do cristianismo [...] (ENCONTRO, 2021).

No romance, as consequências bélicas são sentidas não somente pela família cristã, mas também, por exemplo, por um monge sufi, que perde a visão: “Desde que você se foi para o Brasil, muitas coisas aconteceram por aqui. Meus olhos não suportaram ver tanto sofrimento e ódio. Fui expulso da montanha e da caverna em que nos conhecemos e vivo, hoje, sem me fixar a nenhum lugar” (MALUF, 2019, p. 65). Ou seja, os vencidos não são os “cristãos maronitas” ou os “drusos muçulmanos”, mas todos aqueles que foram flagelados pelas disputas imperialistas: emigrados compulsórios, como o Assaad Maluf, assassinados, como o Abid e Rafiq, perseguidos, como Adbul-Bassit.

### **3 EXPLODINDO AS FRONTEIRAS DO ESPAÇO-TEMPO**

Como exposto anteriormente, existem, no romance *A imensidão íntima dos carneiros*, duas vozes narrativas, Marcelo e Assaad, que se expressam em diferentes momentos históricos: o Marcelo que evoca o avô no tempo “presente” através da escrita; o Marcelo que acompanha o seu avô enquanto espectro no ano de 1966; o Assaad de 1966, adulto já estabelecido no Brasil; e o Assaad de nove anos de idade que vive nas montanhas libanesas. Articulam-se, portanto, na narrativa, passado e futuro, mediados por um olhar viajante que marca a época da “origem”, isto é, um presente presente. É aquele que chamamos de Marcelo quem finca o marco-zero do agora, temporalidade em que se pode ler o passado “como uma escritura”, de acordo com Selligman-Silva (2003, p. 394). Assim, é Marcelo que, tendo como base as teses de Benjamin, assemelha-se a uma espécie de historiador materialista benjaminiano.

Antes, porém, de adentrarmos o romance ante essa perspectiva, é necessário esclarecer o que se entende por historiador materialista. Seria ele aquele que saberia que existem “nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram”; que saberia da existência de um “encontro secreto, marcado entre as gerações”; que estaria atento e empático às vozes dos vencidos; que reconheceria o passado “como uma imagem que relampeja irreversivelmente”; que teria como tarefa “escovar a história a contrapelo”; que romperia com “a tradição dos vencedores”; que faria do passado “uma experiência única”; que faria “saltar pelos ares o *continuum* da história”; que se distanciaria de uma pretensa “história universal”; que lutaria por um passado oprimido. (BENJAMIN, 1994, p. 222-232).

Ao evocar seu avô em sonho, Marcelo, que não chegou a conhecê-lo em vida, abre um canal de escuta e de encontro, marcado por distintas gerações: avô e neto. Assaad quer falar e Marcelo quer ouvir essa voz há muito emudecida; Assaad foi ao túmulo tendo como único confidente um dos filhos, Sami: “Foi nesse dia que Assaad revelou para ele o segredo que lhe pesava. E pediu a ele que jurasse não contar aos seus irmãos. Sami aceitou o fardo como uma herança silenciosa” (MALUF, 2019, p. 48).

Sami jurou jamais falar sobre o assunto, de modo que o pai de Marcelo, Michel, morreu sem saber o que estava segredado: é Marcelo que rompe publicamente o pacto de silêncio ao escutar a voz de um avô já falecido, ao segui-la e, a partir dela, narrar:

Naquela noite eu sonhei com Assaad, meu avô, e com Michel, meu pai. Vestido de branco, Michel colocava em minhas mãos um punhado de pelos úmidos de carneiro. Assaad dirigia-se a mim como irmão e dizia que tinha uma história para me contar. [...] Passei a acreditar, de maneira obsessiva, que eu precisava de alguma maneira me comunicar com Assaad. E o sonho ainda se repetiu algumas madrugadas. Sempre com Assaad me dizendo a mesma frase: “Tenho uma história para te contar”. (MALUF, 2019, p. 10).

É, pois, o Marcelo-espectro que persegue essa história que Assaad tem para contar, fazendo assim explodir o *continuum* do tempo histórico, de modo que já não há mais uma linearidade temporal, mas um tempo histórico fragmentado, constelado de imagens congeladas e arrancadas do seu contínuo: imagens fragmentárias, monodológicas, dialéticas. Marcelo é, tal como um historiador benjaminiano, aquele que “se dirige para as ruínas da história/catástrofe para recolher seus cacos” (SELLIGMAN-SILVA, 2003, p. 394). Seu espectro, durante o ano de 1966, passa a acompanhar o relato testemunhal que o avô tentou manter em segredo até sua morte, supostamente sem ser visto: “Ele não me vê. Ainda não nasci. Estamos separados pelo tempo. Só irei existir nesse mundo daqui a oito anos, em janeiro de 1974” (MALUF, 2019, p. 13). Marcelo é, portanto, um personagem que, ao escavar as ruínas de sua família, faz uma espécie de historiografia baseada nas memórias traumáticas do seu avô Assad.

Há ainda outro elemento que marca essa explosão da linearidade do tempo histórico. Quando Assaad-adulto revela seu desejo de “arrebentar” o relógio da sala, isto é, “esse cuco maldito”, ele abre a possibilidade interpretativa de que o seu tempo é o da imobilização frente à memória, ele está parado num só pensamento, que se fixa em sua mente como um quadro na parede:

Antes preciso dizer dos meus irmãos, Adib e Rafiq, esse áspero segredo que me flagela os ossos e me queima. Preciso dizer que até hoje não é possível que eu adormeça sem que eu veja, como uma pintura na parede do quarto, aquele carvalho, os seus velhos troncos e sua copa, e os meus dois irmãos mais velhos ali, dependurados e sem vida, com o tecido da corda amarrado aos seus pescoços curtos, as línguas expostas e roxas. (MALUF, 2019, p. 50).

É esse "áspero segredo" que o Marcelo-espectro persegue e são justamente os fragmentos e ruínas dessa imagem, comparada a "uma pintura na parede do quarto", que o Assaad-adulto põe em palavras, por meio de um caderno de memórias. É assim que o Marcelo-espectro tem acesso ao Assaad-criança e ao Líbano de seus ascendentes; um Líbano marcado por guerras imperialistas e desavenças religiosas; um Líbano cindido, de um lado, cristãos e, de outro, mulçumanos:

Ele se lembra de como os soldados do império turco-otomano caminhavam pela aldeia exibindo seus típicos chapéus em forma de cone, de ponta amassada, suas botas de couro, adagas e pistolas na cintura. Lembra-se de como viviam a cuspir no chão e a rosar para os cristãos da aldeia. (MALUF, 2019, p. 16).

No entanto, o Marcelo-espectro acessa de seu avô apenas as ruínas, os vestígios. Esse passado, acessado por meio de uma descontinuidade do tempo histórico, vem à tona apenas por meio de relampejos: "Eu terei de Assaad apenas vestígios. Relâmpagos de histórias." (MALUF, 2019, p. 16). São esses relâmpagos que compõem os fragmentos da narrativa, ora em terceira pessoa, ora em primeira pessoa, ora ambientada no Brasil, ora ambientada no Líbano. A ponte entre esses dois países é Assaad, mesmo quando tenta negar seu passado e silenciar diante de seus traumas. Por não conseguir elaborá-los, Assaad revive-os exaustivamente, de modo a exemplificar "a imobilização do psiquismo no eterno retorno do trauma" a que se refere Freud (ENDO, 2012, p. 181).

É apenas por meio da escrita que o Assaad-adulto consegue enfim atingir uma espécie de libertação, sobretudo quando rasga as páginas escritas: "Assaad rasga as páginas do seu caderno e deixa que o vento as leve. Flutuam imitando pássaros.

‘Libertem-se!’, sua voz agita o silêncio” (MALUF, 2019, p. 77). De acordo com Otte (2010, p. 5), o mito da invenção da escrita de Platão “dispensa o esforço da memória”, de modo que, ao armazenar as memórias por meio da gravação, ocorre também um processo de desmemorização. É somente escrevendo que o Assaad-adulto pode se dar a dádiva do esquecimento, assim como é somente por meio de Marcelo que esse desfecho pode existir. O Marcelo que evoca e persegue seu avô é o Marcelo que, concedendo-lhe voz, escuta-o.

Portanto, a elaboração do passado conta com o olhar atento e empático tanto do personagem Marcelo quanto do Marcelo-espectro, essa presença que acompanha o avô, permitindo que sejam enfim escutados “os ecos das vozes que emudeceram”. Além disso, quando Assaad-adulto escreve, não é somente um homem a escrever, sua voz ecoa também as vozes daqueles que não puderam falar, as vozes dos vencidos, dos emigrados, dos excluídos. Ao evocar e ouvir seu avô, Marcelo acorda os mortos para que eles possam romper com a tradição dos vencedores e para que, conseqüentemente, nós, leitores, possamos ler a história a contrapelo. Ao abrir a escuta e permitir a possibilidade de encontro com seu avô, Marcelo está abrindo também a escuta aos silenciados pelo Historicismo que compactua com os vencedores.

Por fim, os pontos de encontro entre a figura do historiador, segundo Benjamin, e o personagem de Marcelo nos saltam aos olhos ao longo da narrativa, especialmente quando se considera o romance como autoficção. Além dos personagens Marcelo e Assaad, há Marcelo Maluf, autor do romance e neto de um imigrante libanês, e o seu avô, Assaad. Marcelo escavou as ruínas dos segredos da família de modo a compor sua narrativa; de modo a fazer ouvir aquilo que calado estava: “para Benjamin, o passado está presente nas ruínas, que, se pudessem falar, teriam muito a contar. Basta dar ouvido a elas — ou então fazer uma leitura em busca de componentes dispersos de algo anteriormente inteiro.” (OTTE; VOLPE, p. 40).

Ouvir os segredos da família Maluf é ouvir uma parcela das vozes dos vencidos. E é por meio de Marcelo que se abre essa porta de escuta, a qual quebra a linearidade da nossa visão histórica. Nós, que vivemos em um país que abriga uma população de libaneses e descendentes maior que a do próprio Líbano, pouco sabemos sobre sua história e essa é, segundo Benjamin, a maior catástrofe:

Não é o passado que é essa catástrofe, mas a nossa visão linear da história, pois é a própria linearidade, enquanto pressuposição de uma postura progressista, que impossibilita que se juntem os fragmentos, ou – tentando uma aproximação maior ao original alemão – que se junte “aquilo que foi quebrado”. (OTTE, VOLPE, 2000, p. 41).

Talvez, no entanto, escrever sobre *A imensidão íntima dos carneiros* seja também uma forma de romper com a postura progressista. Talvez dedicar essas páginas à análise de um livro em que irrompe a voz de “vencidos” seja também uma forma de acordá-los e, assim, quem sabe, corroborar com uma história silenciada, como a história de uma criança compulsoriamente emigrada de seu país de origem.

## REFERÊNCIAS

AMADO, J. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das letras, 1958, 336p.

BRASIL, E. M. do. **São Charbel**. 2022. Disponível em << [igrejamaronita.org.br](http://igrejamaronita.org.br). >> Acesso em 13 de junho de 2022.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas vol. I, p. 222-232.

CARREIRA, S.; OLIVEIRA, P. de. **Escritas migrantes**: deslocamento e identidade na narrativa brasileira contemporânea. Revista Aletria, Belo Horizonte, v. 28, n.2, 2018, p.35-50.

COLONNA, V. Tipologia da autoficção. In NORONHA, Jovita [org.] **Ensaios sobre a autoficção**. Belo Horizonte, Editora UFMG: 2014.

DUTRA JUNIOR, J. A. **O Líbano e o Nacionalismo Árabe (1952-1967)**: O nasserismo como projeto para o Mundo Árabe e o seu impacto no Líbano. São Paulo; Tese- USP, 2014, 320p.

ENDO, P. C. Walter Benjamin, Sigmund Freud e o Trauma das Máquinas. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (org.). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2012, p.13-25.

FERREIRA, S. **Animal Entaglements** in A imensidão íntima dos carneiros. Review Literature and Arts of the Americas. Volume 52, 2019 - Issue 2: Arab Latin America 2019. p. 191-199.

G1, **Comunidade libanesa no Brasil é quase o triplo da população do Líbano**, 11/03/2017, Disponível em: <<<https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2017/03/comunidade-libanesa-no-brasil-e-quase-o-triplo-da-populacao-do-libano.html>>> Acesso em: 03/02/2022

GATTAZ, A. C. **Líbano uno e diverso**: as múltiplas identidades entre imigrantes libaneses no Brasil, História Oral, v. 10, n. 1, p. 43-62, jan.-jun. 2007.

GATTAZ, A. C. **Do Líbano ao Brasil**: história oral de imigrantes. 2ed. Salvador: Editora pontocom, 2012.

HATOUM, M. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LÖWY, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses 'Sobre o conceito de História'. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant; Trad. das teses de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 33-146. [https://www.academia.edu/7316859/Walter\\_Benjamin\\_aviso\\_de\\_incendio.pdf](https://www.academia.edu/7316859/Walter_Benjamin_aviso_de_incendio.pdf). Acesso em: 22 jun.2021.

MALUF, M. **A imensidão íntima dos carneiros**. Editora Reformatório, [s.l.], Ebook, 2019a

MALUF, M. **As mil e uma histórias de Manuela**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

MALUF, M. **Esquece tudo agora**. São Paulo: Terracota Editora, 2012.

MALUF, M. **Jorge do pântano que fica logo ali**. São Paulo: FTD, 2008.

MALUF, M; PINOTTI, D. **Meu pai sabe voar**. São Paulo: FTD, 2009.

MALUF, M. **Encontro com o escritor Marcelo Maluf**. [mai. 2021]. Entrevistadores: Shirley Carreira e Paulo Oliveira. Rio de Janeiro: 1:48:44. Entrevista concedida ao projeto "Encontro com escritores" do LabLetras/UERJ.

MIGUEL, S. **Nur na escuridão**. 4a ed. Editora Topbooks: Rio de Janeiro, 2004

MURICY, K. Imagens dialéticas. In: **Alegorias da dialética**: imagem e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p. 213-234.

NASSAR, R. **Lavoura Arcaica**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

OTTE, G. **O dinâmico e o estático nas teses "Sobre o conceito de história."** Disponível em [http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2010/10/mesa-43/otte\\_mesa\\_43.pdf](http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2010/10/mesa-43/otte_mesa_43.pdf) Acesso em: 20 mai.2021. 2010, p. 1-10

OTTE, G.; VOLPE, M. **Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin.** Fragmentos, número 18, p. 35/47 Florianópolis/ jan - jun/ 2000

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: José Olympo, 1956, 602p.

SELIGMANN-SILVA, M. Catástrofe, História e Memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura. in: **História, memória, literatura:** O testemunho na era das catástrofes. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003, p. 387-413.

TEIXEIRA, M. **Rastros migratórios na palavra escrita:** o espaço da memória em A imensidão íntima dos carneiros, de Marcelo Maluf. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2021.

TRUZZI, O. **Sírios e libaneses no oeste paulista – décadas de 1880 a 1950.** R. bras. Est. Pop., v.36, 1-27, e0086, 2019

TRUZZI, O. **Patrícios:** sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo. Editora Unesp, 2009.

## Contribuição de autoria

### 1 – Gabriela Maria Hollanda Ferreira de Farias

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil

<https://orcid.org/0009-0009-5826-5232> • [gabrielahollanda@gmail.com](mailto:gabrielahollanda@gmail.com)

Contribuição: Autor

### 2 – Márcia Maria Valle Arbex

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8690-6900> • [marbex@larnet.com.br](mailto:marbex@larnet.com.br)

Contribuição: Autor

## Como citar este artigo

FARIAS, G. M. H. F. de; ARBEX, M. M. V. Fragmentos e ruínas de um passado libanês: uma análise de A Imensidão íntima dos carneiros à luz do conceito de história de Benjamin. **Revista Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, v. 41, e70762, p. 1-17, 2023. DOI 10.5902/1679849X70762. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X70762>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.